

NICHOLAS SPARKS

*UMA ESCOLHA
POR AMOR*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

MÁRIO DIAS CORREIA

ASA

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

Maio de 1996

– **D**iz-me outra vez porque foi que aceitei ajudar-te a fazer isto.

Com a cara muito vermelha e a resmungar, Matt continuou a empurrar o *jacuzzi* para o quadrado acabado de cortar no extremo mais afastado do *deck*. Os pés escorregavam-lhe no chão de madeira e sentia o suor escorrer-lhe da testa para os olhos, fazendo-os arder. Estava calor, demasiado calor para o princípio de maio. Demasiado calor para aquilo, isso de certeza. Até o cão de Travis, *Moby*, se tinha escondido à sombra e arquejava, a língua pendente da boca.

Travis Parker, que empurrava a grande caixa ao lado dele, conseguiu encolher os ombros.

– Porque achaste que ia ser divertido – disse.

Encostou o ombro à caixa e empurrou; o *jacuzzi* – que devia rondar os cento e oitenta quilos – avançou mais cinco centímetros. Àquele ritmo, devia ficar no seu lugar, oh... lá para o meio da semana seguinte.

– Isto é ridículo – protestou Matt, a aplicar o peso do corpo contra a caixa e a pensar que do que na verdade precisavam era de uma parrelha de mulas. As costas estavam a dar cabo dele. Por um instante, imaginou a pressão a fazer-lhe saltar as orelhas dos lados da cabeça, disparando em ambas as direções como os foguetões de brinquedo que ele e Travis lançavam quando eram miúdos.

– Já tinhas dito isso.

– E não é divertido – resmungou Matt.

– Também já tinhas dito isso.

– E não vai ser fácil de montar.

– Claro que vai – disse Travis. Endireitou-se e apontou para as palavras escritas na caixa. – Estás a ver? É o que diz aqui. «Fácil de montar.»

Do seu lugar à sombra da árvore, *Moby* – um *boxer* de raça pura – ladrou em concordância, e Travis sorriu, a parecer muito satisfeito consigo mesmo.

Matt franziu o sobrolho e tentou recuperar o fôlego. Detestava aquele ar. Bem, nem sempre. A maior parte das vezes, apreciava o entusiasmo sem limites do amigo. Mas não naquele dia. Não, não naquele dia.

Procurou a tira de pano no bolso traseiro das calças. Estava encharcada em suor e, como seria de esperar, tinha-lhe encharcado os fundilhos. Limpou a cara e torceu o pano com um movimento rápido. O suor escorreu como água de uma torneira avariada e caiu-lhe em cima do sapato. Ficou a olhar para ele como que hipnotizado até que o sentiu infiltrar-se através da trama larga do tecido e pôr-lhe nos dedos do pé uma agradável sensação de viscosidade. Do melhor!

– Se bem me recordo, disseste que o Joe e o Laird estariam cá para ajudar neste teu «projetozinho» e que a Megan e a Allison fariam uns hambúrgueres e beberíamos umas cervejas... oh, sim, e que montar esta coisa demoraria um par de horas, no máximo.

– Eles vêm – reiterou Travis.

– Disseste isso há quatro horas.

– Devem estar um pouco atrasados.

– Talvez nem sequer lhes tenhas telefonado.

– Claro que telefonei. Vão trazer os miúdos, e tudo. Juro.

– Quando?

– Em breve.

– Hum – resmungou Matt, e tornou a enfiar a tira de pano no bolso das calças. – A propósito... assumindo que eles não chegam tão cedo, como achas que nós os dois vamos conseguir encaixar esta coisa no lugar?

Travis descartou o problema com um gesto da mão e voltou-se de novo para a caixa.

– Havemos de arranjar maneira. Pensa só no que já conseguimos até agora. Estamos quase a meio caminho.

Matt voltou a franzir o sobrolho. Era sábado – sábado! O seu dia de descanso e diversão, a sua oportunidade de fugir à pressão, a trégua que *merecera* ao cabo de cinco dias no banco, o género de dia de que *precisava*. Era um gestor de crédito, pelo amor de Deus! Era suposto empurrar papéis, não banheiras de hidromassagem! Podia estar a ver o jogo dos Braves contra os Dodgers! Podia estar a jogar golfe! Podia ter ido à praia! Podia ter ficado a dormir até mais tarde com Liz antes de irem para casa dos pais dela como faziam quase todos os sábados, em vez de acordar de madrugada e fazer trabalho

braçal durante oito horas seguidas sob o escaldante sol do Sul...

Fez uma pausa. A quem estava a querer enganar? Se não estivesse ali, teria de certeza passado o dia com os pais de Liz, o que fora, para falar com toda a franqueza, a principal razão que o levava a dizer que sim ao pedido de Travis. Mas não era essa a questão. A questão era que não precisava daquilo. Não precisava mesmo.

– Não preciso disto! – disse. – Não preciso mesmo!

Travis pareceu não o ouvir. Já tinha as mãos apoiadas na caixa e estava a pôr-se em posição.

– Pronto?

Matt baixou o ombro, a sentir-se azedo. Tinha as pernas a tremer. A tremer! Já sabia que de manhã ia ter dores suficientes para uma dose dupla de analgésicos. Ao contrário de Travis, não ia ao ginásio quatro vezes por semana nem jogava *raquetball* nem corria nem fazia mergulho em Aruba nem surf em Bali nem esqui em Vail nem nenhuma das outras coisas que ele fazia.

– Isto não é nada divertido, sabias?

Travis piscou-lhe um olho.

– Também já disseste isso, lembra-te?

– Uau! – comentou Joe, enquanto contornava o *jacuzzi*. Entretanto, o sol iniciara a sua descida e refletia-se na baía em pinceladas de ouro. Ao longe, uma garça levantou voo do meio de umas árvores e roçou ao de leve a superfície, dispersando a luz. Joe e Megan, juntamente com Laird e Allison, tinham chegado pouco antes, com os filhos a reboque, e Travis

estava a mostrar-lhes os melhoramentos. – Está uma maravilha! Foram vocês os dois que fizeram tudo isto sozinhos?

Travis assentiu, com uma cerveja na mão.

– Não foi assim tão difícil – disse. – Acho que o Matt até gostou.

Joe olhou para Matt, que estava espapaçado numa cadeira de jardim no lado oposto do *deck*, com um pano embebido em água fria a tapar-lhe a testa. Até a barriga – Matt sempre fora para o gorducho – parecia afundar-se, flácida.

– Estou a ver.

– Era pesado?

– Como um sarcófago egípcio! – grasnou Matt. – Daquelles de ouro que só podem ser movidos com um guindaste!

Joe riu.

– Os miúdos já podem ir lá para dentro?

– Ainda não. Enchi-a agora mesmo e a água ainda vai demorar um pouco a aquecer. Mas o sol ajuda.

– O sol vai aquecê-la em minutos! – resmoneou Matt.
– Em segundos!

Joe sorriu. Laird e eles os três tinham andado na escola juntos desde a pré-primária.

– Um dia duro, Matt?

Matt tirou o pano da testa e lançou-lhe um olhar assassino.

– Nem fazes ideia. E obrigado por teres chegado a tempo.

– O Travis disse-me para estar cá às cinco. Se soubesse que precisavam de ajuda, tinha vindo mais cedo.

Matt desviou o olhar para Travis, devagar. Havia ocasiões em que odiava os amigos, palavra.

– Como está a Tina? – perguntou Travis, a mudar de assunto. – A Megan já consegue dormir alguma coisa?

Megan estava a conversar com Allison, sentadas à mesa no outro lado do *deck*, e Joe olhou por um instante na sua direção.

– Um pouco. A tosse da Tina desapareceu e ela voltou a dormir toda a noite. Mas por vezes penso que falta à Megan o mecanismo para dormir. Pelo menos desde que é mãe. Levanta-se mesmo quando a Tina nem tuge. É como se o silêncio a acordasse.

– É uma boa mãe – disse Travis. – Sempre foi.

Joe voltou-se para Matt.

– Onde está a Liz? – perguntou.

– Deve estar a chegar – respondeu Matt, a voz a flutuar como se viesse do túmulo. – Foi passar o dia com os pais.

– Que bom – comentou Joe.

– Não sejas cínico. São boa gente.

– Julgo lembrar-me de te ouvir dizer que se tivesses de ouvir mais uma vez as histórias do teu sogro a respeito do seu cancro na próstata ou a tua sogra a queixar-se por o Henry ter sido despedido outra vez... apesar de não ter tido culpa nenhuma... enfiavas a cabeça no forno e ligavas o gás.

Matt fez um esforço para se sentar.

– Nunca disse isso!

– Disseste, pois! – Joe piscou um olho ao ver a mulher de Matt, Liz, dobrar a esquina da casa com Ben a avançar com passos trôpegos de criança à sua frente. – Mas não te preocupes. Não direi uma palavra.

Os olhos de Matt saltaram, nervosos, de Liz para Joe, e de novo para Liz, a tentar perceber se ela tinha ouvido.

– Olá a todos! – exclamou Liz, jovial. Pegou na mão de Ben e foi direita a Megan e a Allison. Ben libertou-se da mão dela e rumou às outras crianças.

Joe viu Matt suspirar de alívio. Sorriu e baixou a voz.

– Com que então... os sogros do Matt. Foi assim que o convenceste a vir até cá?

– Sou capaz de ter falado nisso – admitiu Travis, com um sorriso.

Joe riu.

– Que estão vocês a dizer? – perguntou Matt da sua cadeira, desconfiado.

– Nada – responderam eles em uníssono.

Mais tarde, com o sol para lá do horizonte e a comida despachada, *Moby* foi enrolar-se aos pés de Travis. Enquanto ouvia os miúdos a chapinhar no *jacuzzi*, Travis sentiu-se invadir por uma vaga de satisfação. Aquelas eram as suas tardes preferidas, passadas a ouvir o som de risos partilhados e conversas familiares. Allison tão depressa estava a falar com Joe como a tagarelar com Liz e logo a seguir com Laird ou Matt, e assim por diante, com todos os que se sentavam à volta da mesa. Sem fingimentos, sem tentativas de impressionar, ninguém a querer exhibir-se fosse a quem fosse. A sua vida, pensava por vezes, fazia lembrar um anúncio a uma cerveja, e de um modo geral ficava contente apenas por cavalgar a corrente de boas sensações.

De vez em quando, uma das mães levantava-se para ir ver os miúdos. Laird, Joe e Matt, pelo contrário, resumiam os seus deveres como educadores a ocasiões como: erguer periodicamente a voz numa tentativa de acalmar as crianças e evitar que se provocassem ou nas suas brincadeiras se magoassem umas às outras. Claro que de longe a longe um dos miúdos

fazia uma birra, mas a maior parte dos problemas resolvia-se com um beijinho num arranhão no joelho ou um abraço que era tanto uma ternura ver à distância como devia ser para a criança que o recebia.

Travis olhou em redor, contente por os seus amigos de infância não só se terem tornado bons maridos e bons pais, mas também continuarem a fazer parte da sua vida. Nem sempre isso acontecia. Com trinta e dois anos, sabia que a vida era por vezes um jogo, e tinha sobrevivido a mais do que a sua quota-parte de acidentes e quedas, alguns dos quais poderiam ter-lhe infligido danos corporais bem mais graves do que, na verdade, causaram. Mas não era só isso. A vida era imprevisível. Outros que também conhecera enquanto crescia haviam já morrido em acidentes de viação, tinham-se casado e divorciado, sucumbido ao vício da droga ou do álcool, ou simplesmente abandonado a pequena cidade, os seus rostos já a tornarem-se manchas indistintas na sua memória. Qual era a probabilidade de quatro deles – que se conheciam desde a pré-primária – estarem, no início da casa dos trinta, ainda a passar fins de semana juntos? Muito pequena, achava. Mas, contra todas as hipóteses, depois de terem enfrentado juntos o acne juvenil e os problemas com raparigas e as pressões dos pais, e depois terem ido para universidades diferentes com objetivos de carreira diferentes, todos terem, um a um, voltado a Beaufort. Eram mais uma família do que amigos, até às expressões codificadas e às experiências partilhadas que ninguém de fora poderia compreender totalmente.

E, por uma espécie de milagre, as respetivas mulheres também se davam bem. Vinham de diferentes estratos e de

diferentes partes do estado, mas o casamento, a maternidade e a interminável coscuvilhice da América das pequenas cidades eram mais do que o suficiente para as pôr a falar com regularidade ao telefone e a ligarem-se umas às outras como irmãs reencontradas. Laird fora o primeiro a casar – ele e Allison tinham dado o nó no verão do mesmo ano em que se licenciaram na Wake Forest; Joe e Megan casaram-se um ano mais tarde, depois de se terem apaixonado no seu último ano na Carolina do Norte. Matt, que fora para a Duke, conhecera Liz ali em Beaufort, e tinham casado no ano seguinte. Travis fora padrinho dos três.

Claro que algumas coisas tinham mudado nos últimos anos, sobretudo devido às novas adições às famílias. Laird nem sempre estava disponível para ir pedalar pelos trilhos da montanha, Joe deixara de poder juntar-se-lhe de um momento para o outro e irem os dois fazer esqui para o Colorado, como antigamente, e Matt tinha praticamente desistido de uma vez por todas de tentar acompanhá-lo na maior parte das coisas. Mas não fazia mal. Continuavam disponíveis que bastasse e entre os três – com algum planeamento – continuava a conseguir compor a maior parte dos seus fins de semana.

Absorto nos seus pensamentos, Travis não se apercebera de que as conversas tinham cessado.

– Perdi alguma coisa?

– Perguntei-te se tens falado com a Monica – disse Megan, e pelo tom dela Travis soube que estava tramado. Todos eles, os seis, davam mostras de um interesse um tudo-nada excessivo pela sua vida amorosa. O problema com as pessoas casadas era estarem convencidas de que toda a gente devia casar. Todas as mulheres com quem ele saía eram por isso submetidas

a uma subtil mas implacável avaliação, sobretudo por Megan. Era regra geral ela a chefe do bando em momentos como aquele, sempre a tentar perceber quais eram os interesses dele em matéria de mulheres. E, claro, a coisa que ele mais adorava era espicaçá-la.

– Não recentemente – replicou.

– Porque não? É simpática.

E também bastante neurótica, pensou Travis. Mas não era isso que estava em causa.

– Foi ela que rompeu comigo, lembra-te?

– E depois? Não significa que não queira que lhe ligue.

– Pois eu acho que é exatamente isso que significa.

Megan, Allison e Liz olharam para ele como se fosse estúpido. Os maridos, como de costume, pareciam estar a divertir-se. Aquela história vinha a lume sempre que se reuniam.

– Mas foi no meio de uma discussão, não foi?

– O que é que isso tem a ver?

– Já te ocorreu que ela tenha acabado contigo por estar zangada?

– Também eu estava zangado.

– Porquê?

– Ela queria que eu consultasse um terapeuta.

– E... deixa-me adivinhar... tu disseste que não precisavas de consultar terapeuta nenhum.

– O dia em que eu precisar de consultar um terapeuta vai ser o dia em que me verão arregaçar as saias e tricotar umas luvas.

Joe e Laird riram, mas Megan arqueou as sobrancelhas. Megan, todos eles o sabiam, não perdia um programa da Oprah.

– Achas que os homens não precisam de terapia?

– Sei que eu não preciso.

– Mas falando de um modo geral?

– Uma vez que não sou geral, não te sei dizer.

Megan recostou-se na cadeira.

– Penso que a Monica é capaz de não andar longe da verdade. Se queres que te diga, acho que tens medo de assumir compromissos.

– Pois, mas não quero que me digas.

Megan inclinou-se para a frente.

– Qual foi o máximo de tempo que andaste com alguém? Dois meses? Quatro meses?

Travis ponderou a pergunta.

– Namorei a Olivia durante quase um ano.

– Não me parece que ela esteja a falar do liceu – interveio Laird. De vez em quando, os amigos gostavam de o empurrar para debaixo do autocarro, por assim dizer.

– Obrigado, Laird – disse Travis.

– Não tens de quê, os amigos são para as ocasiões.

– Estás a mudar de assunto – lembrou-lhe Megan.

Travis tamborilou com os dedos na perna.

– Acho que teria de dizer... não me lembro.

– Por outras palavras, nunca o tempo suficiente para te lembrares.

– Que queres que diga? Nunca encontrei uma mulher que chegasse aos calcanhares de qualquer uma de vocês.

Não obstante a escuridão crescente, percebeu que ela tinha ficado contente com aquelas palavras. Aprendera havia muito que a lisonja era a melhor defesa em momentos como aquele, sobretudo por ser quase sempre sincera. Megan, Liz

e Allison eram formidáveis. Todas coração e lealdade e generoso bom senso.

– Bem, para que saibas, gosto dela – disse Megan.

– Sim, mas tu gostas de todas as mulheres que namoro.

– Não é verdade. Não gostava da Leslie.

Nenhuma delas tinha gostado de Leslie. Matt, Laird e Joe, pelo contrário não se importavam nada de a ter como companhia, sobretudo quando usava biquíni. Era uma autêntica brasa, e apesar de não ser o género de mulher com quem ele alguma vez pensaria em casar, foi divertido enquanto durou.

– Só estou a dizer que acho que devias telefonar-lhe – insistiu Megan.

– Vou pensar nisso – respondeu, sabendo muito bem que não ia. Levantou-se da mesa, à procura de uma fuga. – Alguém quer mais uma cerveja?

Joe e Laird levantaram as garrafas ao mesmo tempo; os outros abanaram a cabeça. Travis começou a encaminhar-se para a geladeira antes de fazer uma pausa junto à porta de vidro da casa. Entrou por um instante e pôs outro CD, ficando a ouvir os acordes da nova música que se filtrava para o pátio enquanto levava as cervejas para a mesa. Por essa altura, Megan, Liz e Allison já estavam a falar de Gwen, a mulher que lhes tratava dos cabelos. Gwen tinha sempre boas histórias, a maior parte a respeito das predileções ilícitas dos habitantes da pequena cidade.

Travis beberricou a cerveja em silêncio, a olhar para a água.

– Em que estás a pensar? – perguntou Laird.

– Nada de importante.

– Diz lá.

Travis voltou-se para ele.

– Já reparaste que algumas cores são usadas para nomes de pessoas e outras não?

– De que diabo estás tu a falar?

– Branco e preto, por exemplo. Como Mr. White, o sujeito que é dono da loja de pneus. Ou Mr. Black, o nosso professor do terceiro ano. Ou até Mr. Green, como o tipo do Cluedo. Mas nunca ouviste falar de um Mr. Orange ou de um Mr. Yellow. É como se algumas cores dessem bons nomes, enquanto outras parecem ridículas. Percebes o que quero dizer?

– Acho que nunca pensei sequer nisso.

– Eu também não. Até há um minuto. Mas é estranho, não é?

– É – acabou Laird por concordar.

Ficaram ambos calados por um instante.

– Eu disse-te que não era nada de importante.

– Pois disseste.

– Tinha ou não tinha razão?

– Tinhas.

Quando a pequena Josie teve a segunda birra num espaço de quinze minutos – faltava um pouco para as nove –, Allison pegou-lhe ao colo e lançou a Laird *o olhar*, aquele que dizia que eram horas de se irem embora para ela poder pôr as crianças na cama. Laird nem se deu ao trabalho de argumentar, e quando se levantou da mesa Megan olhou para Joe e Liz fez um aceno de cabeça a Matt, e Travis soube que a noite tinha chegado ao fim. Os pais bem podem pensar que são eles que mandam, mas na realidade são os miúdos que ditam as regras.

Supôs que talvez pudesse tentar convencer um dos amigos a ficar, e que até talvez um deles aceitasse, mas habituara-se havia muito ao facto de os amigos viverem as suas vidas de acordo com horários diferentes do seu. Além disso, desconfiava que Stephanie, a sua irmã mais nova, era capaz de aparecer mais tarde. Vinha de Chapel Hill, onde estava a fazer um mestrado em bioquímica. Apesar de ir ficar em casa dos pais, estava regra geral com a corda toda no fim da viagem e com vontade de falar, e os pais já estariam a dormir. Megan, Joe e Liz puseram-se de pé e começaram a levantar a mesa, mas Travis agitou uma mão.

– Eu trato disso depois. Não custa nada.

Minutos mais tarde, dois SUV e um monovolume estavam a ser carregados de crianças. Travis acenou-lhes do alpendre dianteiro enquanto recuavam no caminho de acesso para a rua.

Quando desapareceram, Travis foi até à aparelhagem, voltou a passar em revista o monte de CD, escolheu *Tattoo You*, dos Rolling Stones e aumentou o volume. Tirou outra cerveja da geleira no caminho de regresso à cadeira, pôs os pés em cima da mesa e recostou-se para trás. *Moby* sentou-se a seu lado.

– Só nós os dois durante algum tempo – disse. – A que horas achas que a Stephanie vai aparecer?

Moby desviou a cabeça. A menos que Travis pronunciasse as palavras *passeio* ou *bola* ou *volta de carro* ou *toma um osso*, não estava interessado em nada que ele tivesse para dizer.

– Achas que lhe ligue a perguntar se já vem a caminho?

Moby continuou a olhar em frente.

– Sim, foi o que pensei. Chega quando chegar.

Ficou ali sentado a beber cerveja e a olhar para a água. Atrás dele, *Moby* ganiu.

– Queres ir buscar a tua bola? – perguntou Travis, finalmente.

Moby levantou-se tão depressa que quase derrubou a cadeira.

A música, pensou ela. A malfadada música estava a ser a proverbial gota de água naquela que fora uma das semanas mais miseráveis de toda a sua vida. Música a tocar alto. OK, nove horas de uma noite de sábado não era nada por aí além, sobretudo considerando que ele tinha companhia, e dez horas também não era assim tão irrazoável. Mas onze horas? Quando estava sozinho e a brincar com o cão?

Do *deck* das traseiras, via-o ali sentado com os mesmos calções que usara todo o dia, de pés em cima da mesa, a atirar a bola e a olhar para o rio. Em que diabo estaria ele a pensar?

Talvez não devesse ser tão dura; o que devia fazer era ignorá-lo. A casa era dele, certo? Senhor do seu castelo, e tudo isso. Podia fazer o que quisesse. Mas não era esse o problema. O problema era que tinha vizinhos, incluindo-a a ela, e também ela tinha um castelo, e os vizinhos deviam mostrar consideração. E, verdade seja dita, ele tinha passado os limites. Não só por causa da música. Para ser franca, até gostava da música que ele ouvia, e de um modo geral não lhe importava durante quanto tempo e com que volume de som a deixava tocar. O problema era o cão, *Nobby*, ou lá como lhe chamava. Para ser mais exata, o que o cão dele tinha feito à cadela dela.

Molly, tinha a certeza, estava grávida.

Molly, a sua bonita e meiga *collie*, puríssima e de uma linhagem premiada – o primeiro presente que dera a si mesma

depois de ter acabado as rotações como médica assistente na Eastern Virginia School of Medicine e o género de cão que sempre desejara – engordara visivelmente nas últimas semanas. Ainda mais alarmante, reparara que as maminhas de *Molly* estavam a crescer. Sentia-as sempre que *Molly* se voltava de barriga para cima para que ela lhe fizesse festas. E mexia-se mais devagar. Tudo somado, *Molly* estava sem a mais pequena dúvida a caminho de dar à luz uma ninhada de cachorrinhos que ninguém ia querer. Um *boxer* e uma *collie*? Franziu inconscientemente a cara a tentar adivinhar como sairiam os cachorros antes de afastar à força o pensamento.

Tinha de ter sido o cão daquele homem. Quando *Molly* esteve com o cio, aquele cão vigiou a casa como um detetive privado, e foi o único que ela viu nas redondezas durante todo esse tempo. Mas passaria sequer pela cabeça do vizinho pôr uma vedação no jardim? Ou manter o cão preso em casa? Ou construir um espaço fechado onde o cão pudesse correr à vontade? Não. O lema dele parecia ser «O meu cão será livre!» Não a surpreendia. Ele próprio parecia viver a sua vida de acordo com o mesmo irresponsável lema. A caminho do trabalho, via-o correr, e quando voltava a casa via-o a andar de bicicleta ou a remar um caiaque ou a andar de patins em linha ou a fazer lançamentos para um cesto de basquete no caminho de acesso da casa com um grupo de miúdos da vizinhança. Um mês antes, tinha posto o barco na água, e agora fazia também *wakeboard*. Como se o homem não fosse suficientemente ativo. Horas extraordinárias não era com ele, e sabia que ele não trabalhava às sextas-feiras. E que género de emprego deixa alguém ir para o trabalho todos os dias de *jeans* e *T-shirt*? Não fazia a mínima ideia, mas suspeitava – com

uma espécie de satisfação sombria – que o mais certo era exigir um avental e um crachá com o nome.

OK, talvez não estivesse a ser totalmente justa. Se calhar até era um tipo simpático. Os amigos – que tinham ar de ser pessoas normais e até tinham filhos e tudo – pareciam apreciar a companhia dele e estar sempre lá em casa. Sabia que até já vira duas das senhoras no consultório, por causa de uma constipação e uma otite das crianças. Mas, e *Molly*? *Molly* estava sentada perto da porta das traseiras, a abanar a cauda, e Gabby ficava preocupada quando pensava no futuro. *Molly* ficaria bem, claro, mas... e os cachorros? Que ia acontecer-lhes? Se ninguém os quisesse. Não se imaginava a levá-los para o canil ou para a SPCA, ou lá como lhes chamavam, para serem abatidos. Não era capaz de fazer uma coisa dessas. Não ia mandá-los matar.

Mas o que ia então fazer com os cachorros?

A culpa era toda dele, e ele estava ali sentado no seu *deck*, com os pés em cima da mesa, a comportar-se como se não tivesse uma única preocupação neste mundo.

Aquilo não fora o que sonhara quando vira a casa no início do ano. Apesar de não ser em Morehead City, onde vivia Kevin, o seu namorado, ficava apenas a dez minutos, do outro lado da ponte. Era pequena, tinha quase cinquenta anos e precisava de ser restaurada, pelos padrões de Beaufort, mas a vista ao longo do ribeiro era espetacular, o pátio tinha espaço suficiente para *Molly* correr e – e isso era o melhor de tudo – podia pagá-la. Bem, à justa, com os empréstimos que tivera de contrair para fazer o curso de médica assistente, mas os gestores de crédito eram sempre muito compreensivos quando se

tratava de emprestar dinheiro a pessoas como ela: profissionais com um curso superior.

Muito diferente do Sr. O Meu Cão Será Livre e Não Trabalho às Sextas-Feiras.

Inspirou fundo, a recordar a si mesma que o homem até podia ser simpático. Acenava-lhe sempre que a via voltar do trabalho, e recordava-se vagamente de ele lhe ter deixado um cesto com queijos e vinho para lhe dar as boas-vindas quando se mudara para ali havia um par de meses. Não estava em casa na altura, mas ele deixara o cesto no alpendre, e ela prometera a si mesma enviar-lhe uma nota de agradecimento, uma nota que nunca chegou a escrever.

Voltou a franzir a cara, sem dar por isso. Ora bolas para a sua superioridade moral. OK, também não era perfeita, mas aquilo não era a respeito de notas de agradecimento esquecidas. Era a respeito de *Molly* e do vadio do cão daquele homem e de cachorrinhos indesejados, e agora era uma altura tão boa como qualquer outra para discutir a situação. Era evidente que ele estava acordado.

Desceu do *deck* das traseiras e dirigiu-se para a fila de sebes que separava as duas casas. Uma parte dela desejava que Kevin estivesse ali, mas isso não ia acontecer. Não depois da cena daquela manhã, que começara depois de ela ter referido, por puro acaso, que a prima ia casar. Embrenhado na secção de desporto do jornal, Kevin não dissera uma palavra em resposta, preferindo fingir que não a tinha ouvido. Tudo o que tivesse a ver com casamento fazia o homem ficar mudo como uma pedra, sobretudo nos últimos tempos. Supunha que não devia ter ficado surpreendida – namoravam há quatro anos (menos um ano do que a prima, sentira-se tentada a fazer

notar), e se alguma coisa aprendera a respeito de Kevin fora que se ele achava qualquer tema incómodo, o mais provável era não dizer nada.

Mas o problema não era Kevin. Nem o facto de ultimamente sentir que a sua vida não estava a ser bem como imaginara que seria. E também não era a semana horrível no trabalho, uma semana em que lhe tinham vomitado em cima três – três! – vezes só na sexta-feira, um recorde absoluto no consultório, pelo menos no dizer das enfermeiras, que nem se davam ao incómodo de disfarçar os sorrisos e repetiam a história com manifesta satisfação. Nem estava zangada por causa de Adrian Melton, o médico casado que gostava de lhe tocar sempre que falavam, a mão a demorar-se um tudo-nada mais do que devia. E o motivo da sua irritação não era de certeza o facto de, no meio daquilo tudo, não ter batido o pé uma única vez.

Não senhor, o que ali estava em causa era o Sr. Sempre em Festa ser ou não um vizinho responsável, capaz de admitir que tinha tanta obrigação como ela de encontrar uma solução para um problema que era dos dois. E enquanto lho dissesse, talvez referisse que era um pouco tarde para ter a música aos berros (apesar de ela gostar de a ouvir), só para deixar bem claro que estava a falar a sério.

Enquanto caminhava pela relva, o orvalho molhava-lhe as pontas dos dedos dos pés através das sandálias e o luar pintava no relvado faixas de prata. A tentar decidir como começar, Gabby mal reparava. A boa educação determinava que se dirigisse primeiro à porta da frente e batesse, mas com a música a tocar tão alto, duvidava que ele ouvisse. Além disso, queria despachar aquilo enquanto estava irritada e disposta a confrontá-lo.

Avistou à frente uma abertura nas sebes e encaminhou-se para lá. Era provavelmente a mesma por onde *Nobby* se infiltrara para se aproveitar da pobrezinha e doce *Molly*. Voltou a sentir um aperto no coração, e dessa vez tentou agarrar-se ao sentimento. Aquilo era importante. Muito importante.

Concentrada como estava na missão que se impusera, não viu a bola de ténis voar na sua direção quando emergiu da abertura. Mas registou, de uma forma vaga, o som de um cão a correr – mas só de uma forma muito vaga – um segundo antes de uma pancada a atirar ao chão.

Caída de costas, Gabby reparou que havia demasiadas estrelas num céu demasiado luminoso e desfocado. Por um instante, perguntou a si mesma porque seria que não conseguia respirar, mas logo a seguir ficou mais preocupada com a dor que lhe percorria o corpo. Estendida na relva, tudo o que conseguia fazer era piscar os olhos a cada latejar.

Ouviu, vinda de muito longe, uma confusão de sons, e, pouco a pouco, o mundo recomeçou a ficar focado. Tentou concentrar-se e percebeu que não era uma confusão de sons; estava a ouvir vozes. Ou melhor, estava a ouvir uma voz. Que lhe perguntava se estava bem.

Ao mesmo tempo, apercebeu-se de uma sucessão de sopros quentes, cheirosos e regulares que lhe bafejavam a face. Piscou mais uma vez os olhos, voltou um pouco a cabeça e foi confrontada por uma cabeça enorme, peluda e quadrada por cima da sua. *Nobby*, concluiu, confusa.

– Ahhh... – gemeu, ao tentar sentar-se. Quando se mexeu, o cão lambeu-lhe a cara.

– *Moby!* Senta! – disse a voz, que parecia muito próxima.
– Está bem? Talvez não devesse tentar levantar-se já!

– Estou bem – disse ela, conseguindo por fim adotar uma posição sentada. Inspirou fundo um par de vezes, ainda a sentir-se zozna. Uau, pensou, aquilo tinha doído. No escuro, sentiu alguém agachar-se a seu lado, apesar de mal distinguir as feições.

– Peço imensa desculpa – disse a voz.

– Que aconteceu?

– O *Moby* atirou-a ao chão, sem querer. Ia a correr atrás da bola.

– Quem é o *Moby*?

– O meu cão.

– Então quem é o *Nobby*?

– Não faço ideia.

Ela levou uma mão à têmpora.

– Esqueça.

– Tem a certeza de que está bem?

– Tenho – respondeu, ainda entontecida e a sentir a dor dissolver-se num latejar baixo. Quando começou a pôr-se de pé, sentiu o vizinho agarrar-lhe o braço, para a ajudar. Lembrou-lhe as crianças que via no consultório, a tentar manter o equilíbrio e não cair. Quando por fim se endireitou, ele largou-lhe o braço.

– Umas boas-vindas e tanto, eh? – disse ele.

A voz continuava a parecer vir de longe, mas ela sabia que não vinha, e quando se voltou para ele deu por si a olhar para alguém pelo menos quinze centímetros mais alto do que o seu metro e setenta. Não estava habituada àquilo, e quando inclinou a cabeça para trás reparou nas maçãs do rosto angulosas

e na pele lisa. O cabelo castanho era ondulado, com caracóis naturais nas pontas, e os dentes brancos brilhavam. Visto de perto, era atraente – OK, muito atraente – mas desconfiou que ele bem o sabia. Perdida em pensamentos, abriu a boca para dizer qualquer coisa, e então voltou a fechá-la, apercebendo-se de que tinha esquecido a pergunta.

– Quero dizer, vem aqui visitar-me e é derrubada pelo meu cão – continuou ele. – Como disse, peço imensa desculpa. Regra geral, ele é mais cuidadoso. Diz olá, *Moby*.

O cão estava sentado sobre os quartos traseiros, a parecer muito satisfeito consigo mesmo, e isto fê-la recordar de repente o propósito da sua visita. A seu lado, *Moby* levantou a pata numa saudação. Foi giro – e ele *era* giro, para um *boxer* – mas ela não ia deixar-se apanhar nessa. Aquele era o rafeiro que não só a tinha atirado ao chão como também arruinara *Molly*. Devia chamar-se Bandido. Ou, melhor ainda, Pervertido.

– Tem a certeza de que está bem?

A maneira como ele perguntou fê-la compreender que aquela não era o género de confrontação que queria, e tentou recuperar o sentimento que a animara a caminho dali.

– Estou ótima – disse, num tom seco.

Por um desconfortável instante, olharam um para o outro sem falar. Por fim, ele apontou com o polegar por cima do ombro.

– Quer vir sentar-se no *deck*? Estava a ouvir música.

– Porque é que pensa que eu quero ir sentar-me no *deck*?
– disparou ela, sentindo-se mais controlada.

Ele hesitou.

– Porque veio até cá?

Oh, sim, pensou ela. Isso.

– Quero dizer, suponho que podemos ficar aqui de pé junto às sebes, se é o que prefere – continuou ele.

Ela ergueu as mãos para o calar, desejosa de acabar com aquilo.

– Vim cá porque queria falar consigo...

Calou-se quando ele deu uma palmada no seu próprio braço.

– Também eu – disse antes que ela pudesse recomeçar.

– Tenho andado para passar por sua casa e dar-lhe oficialmente as boas-vindas à vizinhança. Recebeu o meu cesto?

Ela sentiu um zumbido junto ao ouvido e agitou uma mão para o afastar.

– Sim, obrigada – disse, um tudo-nada distraída. – Mas do que eu queria falar...

Deixou a frase em suspenso quando percebeu que ele não estava a prestar atenção. Em vez disso, estava a agitar o ar no meio dos dois.

– Tem a certeza de que não quer ir para o *deck*? – insistiu.

– É que aqui no meio dos arbustos os mosquitos são terríveis.

– O que estava a tentar dizer...

– Tem um no lobo da orelha – disse ele, a apontar.

Ela levantou instintivamente a mão direita.

– Na noutra.

Bateu na orelha e viu uma gota de sangue na ponta do dedo quando retirou a mão. Que nojo, pensou.

– Agora está outro perto da sua cara.

Ela voltou a enxotar o enxame que não parava de crescer.

– Que se passa aqui?

– Como disse, é por causa dos arbustos. Os mosquitos reproduzem-se na água, e à sombra há sempre humidade...

– Muito bem – cedeu ela. – Podemos falar no *deck*.

Um momento mais tarde estavam fora de perigo, e a afastarem-se depressa.

– Odeio mosquitos. É por isso que tenho algumas velas de citronela acesas em cima da mesa. Regra geral é o bastante para os manter afastados. Tornam-se muito piores lá para meados do verão. – Deixou entre os dois apenas o espaço suficiente para não chocarem um com o outro. – A propósito, julgo que ainda não fomos formalmente apresentados. Jack Travis.

Ela sentiu um lampejo de incerteza. Ao fim e ao cabo, não estava ali para se tornarem amigos, mas o hábito e as boas maneiras prevaleceram e respondeu quase sem querer:

– Gabby Holland.

– Prazer em conhecê-la.

– Sim – disse. Fez questão de cruzar os braços enquanto o dizia e então, num gesto inconsciente, levou a mão às costelas, onde permanecia uma dor surda. E dali levantou-a até à orelha, que já começava a comichar.

Ao olhar para ela, Travis percebeu que estava zangada. A boca tinha a expressão tensa, contraída, que vira em tantas das suas namoradas. E sabia que a zanga era dirigida contra ele, embora não fizesse ideia porquê. Além de ter sido derrubada pelo cão, claro. Mas não era bem isso, decidiu. Recordou as expressões pelas quais Stephanie, a sua irmã mais nova, era famosa, expressões que assinalavam um lento acumular de ressentimento ao longo do tempo, e era assim que Gabby parecia estar a comportar-se naquele instante. Mas aí acabavam as semelhanças com a irmã. Enquanto Stephanie se tornara uma beldade indiscutível, Gabby era atraente de uma

maneira parecida mas não tão perfeita. Tinha os olhos azuis um pouco afastados de mais, o nariz era um pouco grande de mais, e o cabelo ruivo era sempre um problema difícil de contornar, mas, fosse pelo que fosse, aquelas imperfeições davam à sua beleza natural um ar de vulnerabilidade que a maior parte dos homens acharia cativante.

No silêncio que se fizera, Gabby tentou organizar as ideias.

– Vim até cá porque...

– Espere – interrompeu ele. – Antes de começar, porque é que não se senta? Eu já volto. – Afastou-se em direção à geleira, e então voltou-se a meio de uma passada. – Ape-tece-lhe uma cerveja?

– Não, obrigada – respondeu ela, a desejar poder acabar com aquilo de uma vez por todas. Recusando sentar-se, voltou-se na esperança de confrontá-lo quando ele passasse. Mas ele foi demasiado rápido, deixou-se cair na cadeira, recostou-se para trás e pôs os pés em cima da mesa.

Gabby continuou de pé, atrapalhada. Aquilo não estava a correr como tinha planeado.

Ele abriu a garrafa e bebeu um pequeno gole.

– Não vai sentar-se? – perguntou, por cima do ombro.

– Prefiro ficar de pé, obrigada.

Travis semicerrou os olhos e protegeu-os com as mãos.

– Mas assim mal consigo vê-la – disse. – As luzes do pórtico estão mesmo atrás de si.

– Vim até cá para lhe dizer uma coisa...

– Não pode chegar-se um pouco para o lado? – perguntou ele.

Ela fez um resmungo de impaciência e deslocou-se alguns passos.

– Melhor?

– Ainda não.

Por esta altura, ela estava quase encostada à mesa. Ergueu as mãos, exasperada.

– Talvez seja melhor sentar-se – sugeriu Travis.

– Tudo bem! – exclamou ela. Puxou uma cadeira e sentou-se. Ele estava a fazer com que aquilo saísse completamente dos carris. – Vim até cá porque queria falar consigo... – disse, a perguntar-se se devia começar pela situação de *Molly* ou pelo que de um modo geral significava ser um bom vizinho.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Já tinha dito isso.

– Eu sei! Tenho estado a tentar dizer-lhe, mas nunca me deixa acabar!

Travis viu-a olhar para ele com a mesma fúria que se habituara a ver nos olhos da irmã, mas continuava a não saber o que era que a enfurecia tanto. Ao cabo de um segundo, ela começou a falar, de início um pouco hesitante, como se receasse que ele voltasse a interrompê-la. Mas ele não a interrompeu, e ela pareceu apanhar o ritmo, as palavras a saírem cada vez mais depressa. Falou a respeito de como tinha encontrado a casa e de como ficara entusiasmada, e de como ter uma casa sua fora um sonho antigo, antes de o discurso derivar para *Molly* e como as maminhas de *Molly* estavam a ficar maiores. Ao princípio, Travis não fazia ideia de quem era *Molly* – o que tornou surreal aquela parte do monólogo –, mas à medida que ela continuava foi pouco a pouco percebendo que *Molly* era a *collie* de Gabby, que ele a vira passear de vez em quando. Depois disso, ela começou a falar de cachorros feios e de assassinio e, estranhamente, de nem

o Dr. Mãozinhas nem o vomitado terem fosse o que fosse a ver com o que sentia, mas, com toda a franqueza, nada daquilo fez grande sentido até que começou a apontar para *Moby*. Isto permitiu-lhe somar dois e dois e perceber que ela considerava *Moby* responsável pela gravidez de *Molly*.

Queria dizer-lhe que não tinha sido *Moby*, mas ela estava tão lançada que achou melhor esperar que acabasse antes de protestar. Por esta altura, a história tinha voltado ao curso inicial. Pedacos da vida dela continuavam a surgir, como pequenos fragmentos lançados sem ensaio nem ligação, acompanhados por explosões de fúria aleatoriamente dirigidas contra ele. A sensação foi de que o desabafo se arrastara por uns bons vinte minutos, mas Travis sabia que não podia ter sido tanto tempo. Mesmo assim, ser alvo das furiosas acusações de uma desconhecida a respeito das suas insuficiências como vizinho não era fácil, tal como não gostou da maneira como ela falava de *Moby*. *Moby*, na opinião dele, devia ser o cão mais perfeito do mundo.

De vez em quando ela fazia uma pausa, e ele tentava reagir. Mas também não resultou, porque ela o esmagava no mesmo instante sob uma nova avalanche de palavras. Por isso limitou-se a ouvir e – pelo menos nos momentos em que ela não estava a insultá-lo a ele ou ao seu cão – detetou vestígios de desespero, e até de confusão, relativamente ao que estava a acontecer na sua vida. O cão, quer ela se apercebesse ou não disso, era apenas uma pequena parte do que a perturbava. Sentiu uma ponta de compaixão e deu por si a assentir com a cabeça, só para que ela soubesse que estava a dar-lhe atenção. Volta não volta Gabby fazia uma pergunta, mas respondia ela mesma antes de ele ter tempo de o fazer. «Os vizinhos não

devem ponderar as consequências das suas ações?» Sim, é evidente, começava ele a dizer, mas ela adiantava-se. «Claro que são!», exclamava, e Travis voltava a assentir.

Quando finalmente se calou, Gabby ficou a olhar para o chão, esgotada. Apesar de os seus lábios continuarem comprimidos numa fina linha, Travis julgou ver lágrimas, e debateu a hipótese de lhe oferecer lenços de papel. Mas os lenços de papel estavam dentro de casa – demasiado longe, compreendeu – e foi então que se lembrou dos guardanapos junto do grelhador. Levantou-se com um rápido movimento, pegou nuns quantos e levou-lhos. Ofereceu-lhe um, que ela aceitou, ao cabo de uma breve hesitação, para limpar o canto dos olhos.

Agora que acalmara, Travis reparou que era ainda mais bonita do que lhe tinha parecido inicialmente.

Gabby fez uma longa e trémula inspiração.

– A questão é, o que é que tenciona fazer? – perguntou por fim.

Ele hesitou, a tentar perceber do que estava ela a falar.

– A respeito de quê?

– Dos cachorros!

Travis ouviu a fúria começar a vir outra vez à tona e ergueu as mãos numa tentativa de a acalmar.

– Começemos pelo princípio. Tem a certeza de que ela está grávida?

– Claro que tenho a certeza! Não ouviu uma palavra do que eu disse?

– Já a levou a um veterinário?

– Sou médica assistente. Passei dois anos e meio numa escola da especialidade e mais um ano em rotações. Sei muito bem reconhecer uma gravidez.

– Em pessoas tenho a certeza de que sim. Mas nos cães é diferente.

– Como é que sabe?

– Tenho muita experiência com cães. Na realidade...

Sim, aposto, pensou ela, interrompendo-o com um gesto da mão.

– Mexe-se mais devagar, tem os mamilos inchados e tem-se comportado de uma maneira estranha. Que mais pode ser?

Francamente, todos os homens que conhecera acreditavam que terem tido um cão quando eram miúdos fazia deles peritos em questões caninas.

– E se tiver uma infeção? Podia causar o inchaço. E se a infeção for grave, pode provocar dores, o que explicaria as alterações de comportamento.

Gabby abriu a boca para falar e voltou a fechá-la quando se apercebeu de que não tinha pensado nisso. Uma infeção *podia* de facto causar um inchaço dos mamilos – uma mastite, ou qualquer coisa assim –, e por um instante sentiu-se invadir por uma onda de alívio. Quando considerou melhor a questão, no entanto, a realidade voltou a esmagá-la. Não era um ou dois mamilos, eram todos. Torceu o guardanapo, a desejar que ele *ouvisse*.

– Está grávida, e vai ter cachorros. E você vai ter de me ajudar a arranjar casas para eles, uma vez que eu não vou levá-los para o canil.

– Tenho a certeza de que não foi o *Moby*.

– Eu sabia que ia dizer isso.

– Mas tem de saber...

Ela abanou a cabeça, furiosa. Aquilo era tão típico. A gravidez era sempre um problema da mulher. Levantou-se da cadeira.

– Vai ter de assumir uma parte das responsabilidades. E espero que tenha consciência de que não vai ser fácil arranjar quem os queira.

– Mas...

– Que diabo foi aquilo? – perguntou Stephanie.

Gabby tinha desaparecido para lá da sebe; segundos depois, ele vira-a entrar em casa pela porta de correr envidraçada. Continuava sentado à mesa, a sentir-se um pouco aturdido, quando viu a irmã aproximar-se.

– Há quanto tempo estás aí?

– O suficiente – respondeu ela. Viu a geleira perto da porta e tirou uma cerveja. – Por um instante pensei que ela ia dar-te um murro. Depois pensei que ia pôr-se a chorar. E então pareceu outra vez com vontade de te dar um murro.

– Foi mais ou menos isso – admitiu ele. Esfregou a testa, ainda a processar a cena.

– Continuas a encantar as tuas namoradas, ao que vejo.

– Não é minha namorada. É minha vizinha.

– Melhor ainda. – Stephanie sentou-se. – Há quanto tempo andam juntos?

– Não andamos. Na realidade, hoje foi a primeira vez que falei com ela.

– Impressionante – observou Stephanie. – Não pensei que fosses capaz.

– Fosse capaz de quê?

– Tu sabes... fazer alguém detestar-te tão depressa. É um dom raro. Normalmente, primeiro é preciso conhecer a pessoa.

– Muito engraçado.

– Também achei. E *Moby*... – Voltou-se para o cão e abanou um dedo acusador. – Devias ter mais juízo.

Moby agitou a cauda antes de se pôr de pé. Avançou para ela e esfregou-lhe o focinho no colo. Stephanie empurrou-lhe a cabeça para trás, o que só serviu para o fazer empurrar para a frente com mais força.

– Calma, velho rafeiro.

– A culpa não é do *Moby*.

– Foi o que tu disseste. Não era o que ela queria ouvir, claro. Que se passa com ela?

– Está só perturbada.

– Bem vi. Demorei algum tempo a perceber do que estava ela a falar. Mas devo dizer que foi divertido.

– Não sejas mazinha.

– Não estou a ser mazinha. – Stephanie recostou-se na cadeira, a avaliar o irmão. – É jeitosa, não achaste?

– Não reparei.

– Sim, pois. Seria capaz de apostar que foi a primeira coisa em que reparaste. Vi a maneira como olhavas para ela.

– Deus nos ajude. Estás cá com uma disposição, esta noite.

– É natural. O exame que fiz foi de morte.

– Que queres dizer com isso? Achas que falhaste alguma pergunta?

– Não. Mas tive de pensar a sério para acertar em algumas delas.

– Deve ser bom ser tu.

– Oh, é. E tenho mais três exames para a semana.

– Pobre rapariga. A vida de uma eterna estudante é bem mais dura do que ter de trabalhar para comer.

– Olha quem fala. Andaste na escola mais tempo do que eu. O que me recorda... como achas que a mãe e o pai reagiriam se eu lhes dissesse que queria continuar mais um par de anos para fazer o doutoramento?

Na casa de Gabby, a luz da cozinha acendeu-se. Distraído, ele tardou um momento a responder.

– O mais certo é dizerem que tudo bem. Sabes como eles são.

– Pois sei. Mas ultimamente tenho a sensação de que quero que conheça alguém e assente.

– Junta-te ao clube. Há anos que tenho essa sensação.

– Sim, mas comigo é diferente. Sou uma mulher. O meu relógio biológico não para.

Na casa ao lado, a luz da cozinha apagou-se; segundos mais tarde, acendeu-se outra no quarto. Travis perguntou-se, sem pensar muito nisso, se Gabby já estaria a ir para a cama.

– Não esqueças que a mãe casou aos vinte e um – continuou Stephanie. – Com vinte e três já te tinha tido. – Ficou à espera de uma resposta, mas não teve nenhuma. – Por outro lado, vê naquilo que tu deste. Talvez eu deva usar isso como argumento.

As palavras dela infiltraram-se devagar, e ele franziu o sobrolho quando por fim as registou.

– Isso é um insulto?

– Tentei – respondeu ela, com um sorriso. – Estava só a ver se estavas a prestar-me atenção ou a pensar na tua nova amiga ali do lado.